

## Preparação para o mundo do trabalho docente: narrativas de jovens normalistas acerca da Educação Matemática.

*Luciana Michele Martins Alves*<sup>1</sup>

*Marinez Mauer*<sup>2</sup>

### Resumo

O presente artigo é resultado das reflexões iniciais de uma pesquisa de Mestrado Profissional em Educação do Programa de Pós-Graduação em Educação PPGED/UERGS, vinculada à linha de pesquisa Formação de Professores, que está ancorada na perspectiva dos Estudos Culturais, estudos sobre juventudes e o mundo do trabalho. As constantes mudanças apresentadas pela sociedade e pelos alunos fazem com que diferentes metodologias de ensino sejam pesquisadas e utilizadas em nossas salas de aula, sendo assim, destaco a importância em entender o que pensam as jovens futuras docentes<sup>3</sup> sobre a disciplina de Matemática, bem como entender esta preparação para o mundo do trabalho docente, sendo este o foco da pesquisa. Assim, o objetivo geral da investigação é compreender como as jovens alunas narram a Matemática a partir das suas vivências durante a formação docente. O estudo é uma análise qualitativa nas abordagens etnográficas e representam um recorte construído a partir de uma primeira imersão a campo. Para esta inserção construímos um documentário com depoimentos das jovens sobre a sua relação com a disciplina de Matemática no espaço e tempo de formação docente, o documentário envolveu alunas de uma escola pública estadual na modalidade do Curso Normal da cidade Igrejinha/RS. Estas alunas foram convidadas a participar da pesquisa e, através de seus depoimentos, tiveram a oportunidade e o espaço para narrar suas experiências e expectativas. Os resultados iniciais nos possibilitaram perceber que as vivências escolares positivas ou negativas constituem a forma como tais jovens compreendem a disciplina nesta etapa de formação docente e que na totalidade

---

<sup>1</sup> Mestranda do curso de Mestrado Profissional em Educação da UERGS, participante do projeto de pesquisa Desafios do Ensino Médio: por uma Pedagogia das Juventudes, coordenado pela professora doutora Rita Cristine Basso Soares Severo. O projeto está vinculado ao grupo de estudo e pesquisa em educação integral e currículo: dispositivos e configurações dos tempos e espaços escolares – gpeic (registrado no cnpq) – área das ciências humanas – educação. Especialização em Psicopedagogia Institucional pelo Centro Universitário Barão de Mauá, Licenciada em Matemática pelas Faculdades Integradas de Taquara (FACCAT), Curso Normal pelo Colégio Santa Teresinha. E-mail: [lucianamichelem@yahoo.com.br](mailto:lucianamichelem@yahoo.com.br)

<sup>2</sup> Mestranda do curso de Mestrado Profissional em Educação da UERGS, participante do projeto de pesquisa Desafios do Ensino Médio: por uma Pedagogia das Juventudes, coordenado pela professora doutora Rita Cristine Basso Soares Severo. O projeto está vinculado ao grupo de estudo e pesquisa em educação integral e currículo: dispositivos e configurações dos tempos e espaços escolares – gpeic (registrado no cnpq) – área das ciências humanas – educação. Especialização em Gestão e Supervisão Escolar pela Faculdade Cenecista de Osório (FACOS), e graduada em Ciências Contábeis pela Universidade Regional Integrada (URI), Campus Erechim, Técnico em Contabilidade pela escola estadual João XXIII de Campinas do Sul. E-mail: [marinez.mauer@osorio.ifrs.edu.br](mailto:marinez.mauer@osorio.ifrs.edu.br)

<sup>3</sup> Esclarecemos que optamos por usar os termos que indicam a formação de docentes no Curso normal, no gênero feminino, por todos os envolvidos nesta presente pesquisa pertencerem ao gênero feminino.

das participantes ficou claro a narrativa de um currículo inferior ao do Ensino Médio regular.

**Palavras-chave:** Estudos Culturais. Juventudes. Educação Matemática. Curso Normal.

## **Introdução**

As constantes mudanças apresentadas pela sociedade e pelos alunos fazem com que diferentes metodologias de ensino sejam pesquisadas e utilizadas em nossas salas de aulas. Sendo assim, destacamos a importância em entender o que pensam as jovens futuras professoras que cursam o Ensino na modalidade do Curso Normal, especificamente sobre a disciplina de Matemática, bem como o que ela representa neste período de formação e na busca deste mercado de trabalho docente.

Nesta perspectiva, percebemos a importância de desenvolver estudos sobre as juventudes, na intenção de reconhecer o jovem como sujeito de direito, bem como, os diferentes modos de ser jovem, diante das mudanças sociais e históricas que vêm ocorrendo em uma velocidade acelerada na sociedade. Neste contexto social, como pensar nesta jovem futura professora que se encontra em formação para um dia “vir a ser” uma docente? É uma jovem que se encontra em um processo de ensino aprendizagem, que está todos os dias nos espaços/tempos da escola repletos de significações e atravessamentos, buscando, neste contexto social e cultural, um dia ser uma docente para atuar profissionalmente mediando aprendizagens de crianças. Logo, neste mesmo espaço, em uma sociedade em constantes transformações, não é mais possível pensar em um currículo pronto e acabado ou até mesmo moldar os jovens em uma formação na esperança de “vir a ser”.

É visto que as escolas de nível médio que formam técnicos, bem como, as escolas que formam normalistas, estão difundidas no cenário brasileiro e contribuem na formação dos jovens. O mundo do trabalho está rigoroso e cada vez mais seletivo ao escolher os seus profissionais, os jovens sentem-se obrigados a estarem preparados para serem inseridos neste espaço, e as escolas têm este papel de preparar os jovens para este mundo.

A sociedade contemporânea apresenta mudanças constantemente, e o mundo do trabalho é desafiador, pois além da concorrência, exige progresso e melhora constantemente. Assim, as juventudes que se caracterizam pela volatilidade e pela agilidade em lidar com o novo, capacitam-se e qualificam-se para este mundo. Logo, pesquisar as juventudes é ter a oportunidade de dialogar com sujeitos e conhecer seus anseios e expectativas em relação a este indefinido mundo contemporâneo.

O estudo em questão é baseado em uma análise qualitativa e se ancora nas abordagens etnográficas. Para esta inserção construímos um documentário com depoimentos das jovens que estão matriculadas e frequentando a modalidade do Curso Normal de uma escola pública estadual da cidade de Igrejinha/RS. As jovens foram convidadas para participar através do consentimento livre de participação na pesquisa contribuindo com suas narrativas sobre a sua relação com a disciplina de Matemática neste percurso de busca de ser professor, assim através de seus depoimentos se oportunizou um espaço para a singularidade de diferentes narrativas.

A produção do documentário de pesquisa com as narrativas das jovens alunas do Curso Normal permitiu-nos uma primeira inserção a campo, desta forma, foram analisados e discutidos os dados coletados através do instrumento elaborado.

### **Contextualizando o estudo**

Para contextualizar a temática abordaremos neste capítulo os estudos de alguns autores dos Estudos Culturais que trazem as juventudes como sujeitos, faremos, portanto, a relação das juventudes com a preparação para este mundo do trabalho docente e esta visão da disciplina de Matemática nesta preparação docente.

Podemos perceber diversos modos de ser jovem na sociedade, e ao ter como referência a autora Rossana Reguillo (2003), percebemos, ainda, que há uma grande diversidade de identidades juvenis, estas definidas em diferentes categorias. Portanto utilizamos a palavra “juventudes” no plural, por existir mais de um modo de ser jovem, dessa forma com diferentes marcadores identitários da classe social, gênero, orientação sexual, raça, etnia, idade, geração, território entre outros indicadores sociais.

Assim Dayrell (2007), aborda os jovens como uma condição juvenil, considerando que esta condição é a forma como a sociedade dá significado a este momento do ciclo da vida humana, mas, também, levando em conta as diferenças sociais. No entanto, é necessário considerar que é uma construção em um contexto de grandes transformações históricas-culturais, fruto de ressignificações do tempo, espaço e reflexividade, que gera, assim, uma nova arquitetura do social.

Neste contexto, a sociedade cobra o jovem para “vir a ser” alguém na vida, se preparando para a vida adulta, assim como afirma Dayrell (2007), quando apresenta que o aluno é considerado pela sociedade/escola como uma categoria dada e constituída, como um período que está se preparando para a vida adulta, independente se é criança ou jovem. Porém, o aluno é uma construção histórica, em constante mudança oriunda de uma forma

escolar, uma ordem social, interferindo a condição juvenil e as relações intergeracionais. Assim, geram-se conflitos, pois questionam-se os velhos modelos com as novas tensões e conflitos. Dessa forma, Dayrell (2007) reflete e analisa esta concepção social do “vir a ser” alguém no futuro.

Nesta perspectiva, tomamos como referência as jovens futuras professoras que cursam a modalidade do Curso Normal. Elas possuem diferentes identidades em diferentes espaços e tempos, e são atravessadas culturalmente. Assim como Basso (2008) contribui quando afirma que as jovens futuras professoras são jovens com múltiplas identidades, e que a formação docente é retratada pela sociedade como uma vocação, e não uma profissão como outras, ou é tencionada pelo gênero, fazendo menção a maternidade. Basso (2008) destaca, ainda, a sociedade e a escola em um senso comum que exigem um modelo de “boa professora”, com uma conduta adequada (sendo estabelecidos os modos de estilo, linguagem, gestos e atitudes). Desta forma, podemos perceber que há diferentes identidades e que as futuras professoras são jovens, filhas, alunas, amigas, namoradas, entre outras possibilidades, e assim em diferentes condições de ser jovem em uma sociedade em constante transformação. Conforme Dayrell (2007), precisamos questionar em que medida a escola constitui uma juventude no cotidiano escolar, se ao constituir leva em conta a condição juvenil. Deste modo, como pensar em um modelo, uma preparação, um jeito certo de “vir a ser” docente? Como se encontram as condições para estes jovens no mundo de trabalho?

Segundo Novaes (2006), a questão sobre onde o sujeito jovem vive e sua classe social interfere no acesso ao mercado de trabalho e, muitas vezes, acaba sendo um parâmetro de seleção, podendo tanto favorecer e abrir portas como desfavorecer e fechar portas. Muitos jovens reconhecem que a escola é o espaço que pode lhes proporcionar condições para buscar o emprego, mas, também, entendem que o emprego não está garantido somente pelo fato de estarem estudando, por vezes, a introdução no mundo do trabalho não está ajustada à escolaridade do sujeito.

Para os autores, Leão e Nonato (2014), a desigualdade social é um fato presente entre os jovens e o mundo do trabalho, enquanto para uns, o trabalho é considerado um aprendizado, para outros, o percurso é assinalado por dificuldades de colocação profissional, desemprego e pelo trabalho deficiente. Quando o trabalho que está sendo realizado é algo escolhido gera satisfação no seu fazer, trazendo reconhecimento e aproximação entre as juventudes, desta forma, pode-se apresentar “o trabalho, como

atividade humana, é um processo de criatividade e transformação da natureza, por meio do qual o homem produz a si mesmo e à sociedade” (LEÃO e NONATO, 2014, p. 13).

Dayrell (2007, p. 1122) relata que “a tensão entre ser aluno e ser jovem se manifesta também na relação com o conhecimento e os processos de ensino-aprendizagem”. Alunos trazem a crítica de que o currículo praticado não se aproxima da sua realidade, pois não entendem certas demandas repassadas, necessitando de uma explicação da necessidade daquele conteúdo e qual relação com a suas realidades cotidianas. Por outro lado, o envolvimento de cada aluno com as é diferenciado, dependendo de como ele se constitui aluno e a capacidade que possui de atribuir sentido ao que lhe é ensinado, dessa forma, essas manifestações se concretizam em diferentes e diversos percursos escolares, acentuados pela participação ou pela resistência, dependendo da tensão com que cada um elabora o ser jovem e o ser aluno.

Diante das colocações de Bauman (2009), entendemos que o currículo das escolas passa a ser um assunto relevante nos dias atuais. Pois, pela volatilidade do mundo em que as juventudes se encontram, o currículo necessita ser revisto. Grande parte dos nossos jovens, ao obter a formação do Ensino Médio, parte para o mundo do trabalho. Sales (2014) também fala em sua obra que as juventudes não se sentem atraídas por um currículo estruturado, que se usa desde os tempos passados, e que o mundo contemporâneo, especialmente as tecnologias digitais, estão à disposição para serem levadas em consideração para compor o currículo atual.

Nesta maneira entre ser jovem e ser aluno, Dayrell (2007), destaca as críticas dos alunos com relação ao currículo, por ser distante da realidade e, muitas vezes, os jovens questionam os professores para contextualizar os conteúdos, ou seja, relacionar com a vida cotidiana. É preciso, ainda, ter em consideração os diferentes interesses constituídos por cada jovem. Bauman (2009), relata que já houve mudanças na pedagogia escolar, mas, as mudanças atuais são diferentes das passadas, pois, atualmente está ocorrendo uma grande mudança cultural, em que as culturas praticadas são consideradas ultrapassadas e a arte de ensinar precisa passar por constantes reavaliações. Hall (1997) faz referência a mudanças culturais e destaca que elas não foram uniformes, bem como, interferiram na educação das juventudes, não podendo ser ignoradas, porque o acesso às informações, seja por meio das mídias, redes sociais ou outros meios, permite à população jovem estar informada sobre o mundo inteiro.

## Discussão dos resultados

Apresentar-se-á parcialmente a análise dos dados coletados por meio das diferentes narrativas das jovens em formação para o mundo do trabalho docente. Foram realizadas entrevistas abertas com quatro alunas do Curso Normal. As perguntas abordavam a sua compreensão sobre a matemática, sobre o ensino de matemática e sobre as expectativas para este ensino. Assim, a intenção deste artigo é perceber um campo de pesquisa e pontuar temáticas encontradas. Portanto, nota-se, através da pesquisa, que envolveu alunas desde o primeiro até o último ano do Curso Normal, que as discentes mostram que possuem um conhecimento expressivo com relação à disciplina de Matemática deixando claro em seus depoimentos a importância para vida, mas, no entanto, trazem à tona a questão curricular que não vem ao encontro de sua formação básica. O excerto abaixo demonstra algumas narrativas, na singularidade, sobre esta importância da Matemática na formação, mas, também, a lacuna curricular na comparação com o Ensino Médio durante o período em formação: “Acho que tudo é importante em matemática, por que um dia vamos precisar” (Aluna D)<sup>4</sup>. “Tudo é importante, pois se um dia eu escolher outro curso talvez vou precisar” (Aluna A). “É importante aprender tudo, mas poucas coisas usamos no dia a dia” (Aluna A).

“ Eu acho que tudo em nossa vida é uma aprendizagem, acho que tudo em algum momento vamos precisar, talvez agora eu não veja um entendimento em quase nada né, mas eu acho que em algum momento a gente vai precisar, e eu acho importante, eu acho matemática uma matéria muito importante pra gente, hã..., por que em qualquer lugar vamos precisar da matemática, só que, eu acho que é isso que a gente falta, sabe aonde, em que local, eu acho, sei lá que a matemática faz parte da ciência né, tudo é matemática, acho que é necessário, só que necessário” (Aluna E).

“Eu penso que o currículo, eu preciso saber determinadas matérias para fazer o ENEM, então na escola não tenho o suficiente, então tenho que correr atrás do cursinho, eu este ano vou fazer o ENEM só para ter a experiência, por que eu sei que não vou conseguir, por que eu não tive história, eu não tive geografia e eu não tive matemática o suficiente pra me sair bem no ENEM” (Aluna F).

Estas narrativas deixam claro diversos pontos para possíveis análises, o primeiro aspecto relevante é que a disciplina de Matemática é importante “para um dia”, “talvez”

---

<sup>4</sup> Nos excertos das narrativas das alunas não foram feitas as correções ortográficas, deixando o texto na íntegra. Foram usadas letras para identificar as alunas e preservar suas identidades.

na vida utilizar. Percebemos uma distância da realidade e um apontamento para o futuro, ou seja, apresenta-se um currículo moldado para um dia “vir a ser” utilizado na vida ou na formação. Outra questão que percebemos foi a não significação por parte das alunas em suas narrativas com relação à disciplina, pois elas deixam claro que o conteúdo não tem associação com o cotidiano ou realidade, para que possam perceber e compreender a Matemática no agora e não em um futuro distante. Por fim, destacamos e refletimos acerca das narrativas destas jovens em que este currículo é engessado, moldado para o ENEM e de que por estarem em um currículo diferenciado, na preparação para docência, ficam em desvantagem para poder competir por igual no ENEM com os demais alunos jovens.

As discentes levantam a problematização da grande dificuldade no entendimento dos conteúdos da disciplina, assim os próximos excertos procuram ilustrar estas diferentes dificuldades narradas por elas: “Matemática é algo muito difícil!” (Aluna D). “Gosto muito de matemática, mas tenho bastante dificuldade!” (Aluna D). “Pra mim a matemática é fácil, mas para outros colegas é difícil, mas quando eu pego a explicação ela é fácil” (Aluna A). Para Sales (2014) o currículo utilizado pelas escolas, muitas vezes ultrapassado, não atrai os estudantes, dificultando sua aprendizagem. Bauman (2009) já nos alerta sobre a importância de pensar e repensar o currículo.

“Pelo menos eu tenho muita dificuldade em matemática, e sei que a maioria dos meus colegas tem, a gente precisa de ajuda, e eu acho que às vezes falta isso, compreensão que o aluno tem dificuldade, que não é preguiça, e é tipo... eu pelo menos toda a minha, meu currículo escolar eu tive dificuldade” (Aluna E).

Estes excertos contribuem para que possamos refletir como pesquisadoras e professoras em nossas práticas docentes de que o conteúdo para os alunos deve vir ao encontro de suas vivências e que precisamos olhar para as dificuldades dos alunos, e que a disciplina de Matemática não deva ser entendida entre “eu gosto de matemática, por que entendo” ou “eu não gosto de Matemática por que tenho dificuldade e não entendo o conteúdo”, Enfim, aqui não é a questão de gostar ou não, mas sim o quanto expressa a significação da disciplina, quanto a sua valorização para aquele jovem. Pois, assim se já não gosto por que não entendo, ela deixa de ser importante em minha vida, bem como em minhas práticas, logo não estabeleço significação. Assim, os próximos excertos ilustram um pouco do pensamento de algumas alunas quanto a esta significação em forma singular, quando expressam através das suas narrativas:

“Não adianta colocar um monte de coisa, que tu sabe que nem tudo vai cair, por exemplo a gente do magistério vamos prestar um vestibular, mas que talvez a gente não vai tão bem, as que vão bem realmente é as que entendem realmente os conteúdos de matemática, mas tem gente que não tem esta facilidade que vai muito mal, eu por exemplo ano que vem vou ter que fazer um cursinho por que eu não tenho toda esta capacidade, eu sei que não vou ir tão bem este ano, tenho quase certeza, por que a gente aprende muito mais o conteúdo de ser professora, que é isso nossa grande...grande... como posso dizer... a nossa meta, por que a gente chegou aqui pra ser professora, do que os que estão no ensino médio, que estão todos os dia trabalhando, todos os dia pro ENEM, é que na verdade o Ensino Médio é só envolvido o ENEM, o terceiro ano todo é conteúdo de ENEM, eles não te dizem o que você vai seguir em sua carreira é só ENEM, ENEM, ENEM, ENEM...” (Aluna C).

“E tu tem que ir bem, eles te planejam pro ENEM, até agora as escolas particulares estão fazendo isto com os alunos, só estão planejando eles pro ENEM, e a gente que não tem... este preparo... aí a gente tem que correr atrás, a gente tem que se dedicar, a gente tem além do ensino médio, a gente tem mais este curso, então a gente também tem que se dedicar nos dois, pra ir bem... tenho certeza que todo mundo quer fazer uma faculdade, todo mundo quer ir bem, todo mundo quer ficar num..num... num lugar bom né” (Aluna C).

“A gente tem muita aula dinâmica, a gente tem didática de matemática que é o ensinar a dar aula, e eu acho que é importante, eu acho que falta muito isto sabe, a minha professora do primeiro e do segundo ano sempre trouxe muita coisa diferente pra gente sabe, muito concreto sabe, e a gente sempre aprendeu que a criança precisa do concreto, mas acho que a gente também precisa disso, eu preciso saber que aquilo existe, que aquilo posso pegar, que eu posso multiplicar, que eu posso dividir, e eu acho que falta isto sabe... acho que se eu tivesse aprendido de uma forma mais concreta seria muito mais significativo, pelo menos pra mim, e eu acredito que para meus colegas também” (Aluna E).

“Pra mim a aula de matemática é que nem falar grego, essa é a verdade, então eu não sinto que estou aprendendo, eu estou só reproduzindo o que me falam e tentando passar para o papel, mas aprendendo mesmo, se você me perguntar agora o que você aprendeu no primeiro trimestre em matemática eu não vou saber te explicar, eu não lembro nem o nome da matéria” (Aluna F).

Logo, ao analisar estas narrativas percebemos que as jovens se colocam como incapazes, com inferioridade no processo de aprendizagem do conhecimento matemático, e auto justificam que estão sendo preparadas para ser professoras e esta é a grande meta para elas, ou o que esperam para elas. Diferenciando do Ensino Médio regular, que apresenta um currículo com melhor preparação para provas de seleção, como vestibular e provas de avaliação como o ENEM. Enfim, percebemos em suas narrativas currículos moldados, disciplinadores, com foco em reprodução do conhecimento transmitido. Entretanto, abordam, ainda, a da necessidade da busca constante pelo conhecimento,

percebendo o sucesso como aluno quando consegue cursar a faculdade, percebendo-se desiguais nesta trajetória. O currículo, os conteúdos e a relação do professor com o aluno são desconectados quando a aluna expressa sobre a aula de matemática “que é a mesma coisa que falar grego”, e assim trazem a questão para refletir sobre a metodologia, onde a significação e o entendimento com o real e concreto se torna significativo. Para finalizar as discussões, analisaremos o excerto abaixo para ilustrar a maneira como os jovens narram suas visões e as relações existentes entre alunos e jovens no contexto da aula de Matemática.

“Nós jovens, eu não sei se os professores têm a mesma visão, mas eu vejo hoje que eles esperam que a gente seja máquinas de aprender, que a gente reproduz tudo, eles jogam mil e uma informações na nossa cabeça e a gente tem que reproduzir o que eles estão passando como copiadoras, entendi?... Se eles perguntarem tem que estar na ponta da língua, a gente tem que se atinar na hora, haaaaa 2x dividido por tal tem que ser o que? vai? E não é bem assim!” (Aluna F).

“Então eu acho que eles deveriam focar mais em ajudar os alunos que têm dificuldade e esperar que a gente seja muito mais que reprodutores de conhecimento, muito mais que receptores de informação, eles deveriam entender que deveriam abrir um espaço com, acho que um mediador pra gente se sentir a vontade de expor nossas dúvidas em relação à matemática, onde a gente teria um material concreto, não eles darem a resposta pronta, mas eles terem um mediador que nos ajudassem de verdade, por que acho que duas ou três professoras que foram significativas para mim na área da matemática que me fizeram: entendi! (Aluna F).

Podemos afirmar que as jovens se sentem na obrigação de produzir conteúdo imediato para os professores, afim de provar que sabem e que aprenderam. A aluna F utiliza, ainda, a expressão “máquinas de aprender”, remetendo-nos há uma falta de participação ou falta de uma construção, pois todos aprendem e produzem no mesmo formato e no mesmo tempo, segundo a aluna. Dayrell (2007) nos adverte de que há diferentes interesses oriundos de cada jovem, assim, cada um elabora sua condição de aluno e sua atribuição de sentido aos conteúdos. Outra expressão abordada pelas alunas e que destacamos é de “reprodutores e receptores de informações e conhecimentos”. Essa expressão é carregada de significados e deixa claro a necessidade da construção e participação ativa no processo de ensino e aprendizagem. Dayrell (2007) destaca, ainda, que há uma insatisfação dos alunos quando o currículo praticado não se aproxima de sua realidade, quando o conteúdo é apenas um objeto que transita em sala de aula, sem uma contextualização eficiente.

## **Considerações Finais**

Por meio desta primeira inserção a campo, conseguimos refletir sobre a fundamental importância que os educadores possuem em conciliar os conteúdos matemáticos propostos para a série, envolvendo e valorizando o contexto cultural e social no qual o aluno está inserido. É preciso tornar a disciplina de Matemática mais próxima da realidade do educando de uma forma lúdica, contextualizada e visando resultados positivos em relação ao ensino e à aprendizagem.

O desenvolver deste estudo oportunizou perceber que existe um vasto e importante campo de pesquisa acerca da visão juvenil sob a disciplina de Matemática, enfim. Com essa reflexão sobre o pensamento das jovens, definimos um mapeamento, que deixa claro através das diferentes narrativas, que compreende como as jovens alunas narram a Matemática a partir das suas vivências durante a formação docente e quantos significados destas diferentes visões podemos refletir, analisar e repensar. Portanto, esta primeira inserção no campo da pesquisa se demonstrou cheio de significados e possibilidades.

## **Agradecimentos**

Agradecemos a instituição UERGS e em nome dela a nossa orientadora Rita Basso por nos apoiar e incentivar no desenvolvimento de pesquisas dentro do campo dos Estudos Culturais sobre as juventudes, também a escola que nos abriu as portas para o espaço de pesquisa, bem como o convite a seus estudantes do Curso Normal, e claro pelas estudantes futuras professoras que aceitaram fazer suas narrativas acerca da disciplina de Matemática e nos concedendo o direito de imagem para compor o documentário produzido na pesquisa.

## **Referências**

- BASSO, Rita. **Representações da Docência em Jovens Normalistas**. Estudos Culturais, Juventudes, Identidades docentes: Fórum especial. Fazendo Gênero 8 - Corpo, Violência e Poder Florianópolis, de 25 a 28 de agosto de 2008.
- BAUMAN, Zygmunt. **Desafios pedagógicos e modernidade líquida**. In: Cadernos de pesquisa, São Luís, v. 39, n. 137, p. 661-209, maio/ago. 2009.
- DAYRELL, Juarez. **A escola “faz” as juventudes? Reflexões em torno da socialização juvenil**. In: Educ. Soc., Campinas, vol. 28, n. 100 - Especial, p. 1105-1128, out. 2007.

HALL, Stuart. **A centralidade da cultura:** notas sobre as revoluções culturais do nosso tempo. In: Educação e Realidade, Porto Alegre, v. 22, n. 2, p. 15-46, jul./dez. 1997.

LEÃO, Geraldo; NONATO, Symaira. Juventude e Trabalho. In: CORREA, Lycinia Maria; ALVES, Maria Zenaide; MAIA, Carla Linhares (org.). **Cadernos temáticos:** juventude brasileira e ensino médio. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2014.

NOVAES, Regina. Os jovens de hoje: contextos, diferenças e trajetórias. In: ALMEIDA, Maria Isabel Mendes de; EUGÊNIO, Fernanda (org.). **Culturas Jovens.** Rio de Janeiro: Editora Jorge Zahar, 2006.

REGUILLO, R. **Las Culturas Juveniles: un campo de estúdios; breve agenda para la discusión.** In: Revista Brasileira de Educação. V.23. Maio/jun/ago, 2003. p. 103-118.

SALES, Shirlei Rezende. **Tecnologias digitais e juventudes ciborgue:** alguns desafios para o currículo do Ensino Médio. In: DAYRELL, Juarez; CARRANO, Paulo; MAIA, Carla Linhares (org.). Juventude e Ensino Médio: Sujeitos e Currículos em diálogo. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2014.